

MODESTA PROPOSIÇÃO PARA RENUNCIAR A FAZER GIRAR A RODA HIDRÁULICA DE UMA CÍCLICA HISTÓRIA UNIVERSAL DA INFÂMIA

MODEST PROPOSITION TO RENOUNCE MAKING SPIN THE HYDRAULIC WHEEL OF A CYCLICAL UNIVERSAL HISTORY OF INFAMY



Marcelo CORDEIRO DE MELLO
Pesquisador autônomo
Brasília, Distrito Federal, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/8514971131019930>
<httpS://orcid.org/0000-0001-6880-7503>
marcelocmello@gmail.com

Resumo: O poeta Lois Pereiro nasceu na região espanhola da Galícia e viveu entre 1958 e 1996. Até hoje os livros de Pereiro não foram publicados em língua portuguesa. Esta *Modesta proposição para renunciar a fazer girar a roda hidráulica de uma cíclica história universal da infâmia* é uma espécie de panfleto verborrágico ou manifesto político-poético, calcado no diálogo intertextual, no qual Pereiro se posiciona politicamente ao mesmo tempo em que dialoga com toda uma tradição de literatos e ativistas. Dentre os nomes menos conhecidos do leitor lusófono, estão os de intelectuais galegos (como Alfonso Castelao, Alexandre Bóveda e Ricardo Mella), além de Emilio Ferreiro, grande poeta social galego. Há ainda uma referência direta ao hino galego. O título dialoga com a ideia do tempo cíclico e com Jonathan Swift, Jorge Luis Borges e Bertolt Brecht. Deste último, Pereiro recolhe citações que funcionam como epígrafes das partes em que se divide a obra. A *Modesta proposição* de Pereiro foi publicada originalmente na *Luzes de Galiza*, revista que acolheu a poesia galega daquele período, e também divulgou a poesia internacional. O texto usado como base nesta tradução foi o publicado pela editora Espiral Maior. A tradução e os comentários foram redigidos de acordo com a variante brasileira da língua portuguesa. Foram feitas pequenas correções e alterações na pontuação. Para além do engajamento estritamente político, a proposta desta tradução é suscitar um diálogo entre o mundo galego e o mundo lusófono. O texto é antecedido por alguns comentários sobre o processo de tradução.

Palavras-chave: Lois Pereiro. Poesia galega. Literatura Galega. Literatura engajada. Literatura e política.

Abstract: *Poet Lois Pereiro was born in the Spanish region of Galicia and lived between 1958 and 1996. Until today, his texts have not been edited in Portuguese. This Modest proposition to renounce making spin the hydraulic wheel of a cyclical universal history of infamy is a sort of prolix pamphlet or political-poetic manifesto, built on intertextual dialogue, in which Pereiro marks his political position and at the same time engages in a dialogue with writers and activists. Among the least known names to the lusophone reader are those of Galician intellectuals (such as Alfonso Castelao, Alexandre Bóveda e Ricardo Mella), in addition to Emilio Ferreiro, the great Galician social poet. There is even a direct reference to the Galician anthem. The title dialogues with the idea of cyclical time and with Jonathan Swift, Jorge Luis Borges and Bertolt Brecht. From the latter, Pereiro collects quotations that function as epigraphs of the parts into which the work is divided. Pereiro's Modest proposition was originally published in Luzes de Galiza, a magazine that featured Galician poetry from that period, in addition to promoting international poetry. The text in which this translation is based is the one published by Espiral Maior. The translation and comments were written according to the Brazilian variant of the Portuguese language. Small corrections and changes in the punctuation were made. Beyond strictly political engagement, the aim of this translation is to propose a dialogue between the Galician world and the lusophone world. The text is preceded by some comments about the translation process.*

Keywords: Lois Pereiro. Galician Poetry. Galician Literature. Committed literature. Literature and politics.



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

Comentários Sobre a Tradução

A tradução deste texto é parte de um projeto mais amplo. Até então, meu trabalho havia se limitado à tradução de textos de poesia de Lois Pereiro, que foram publicadas dentro de dois ensaios acadêmicos:

- “Uma mensagem de vida e de fúria: visualidade, espacialidade e intermedialidade na obra do poeta galego Lois Pereiro”, publicado em 2021, na revista *E-Lyra*, v. 1, pp. 149–162, 2021.
- “Escrita e visualidade em *Poesia última de amor e enfermidade* de Lois Pereiro”, no prelo para publicação na revista *Estudos Linguísticos e Literários*, n. 71. Número Especial em comemoração ao Xacobeo 2021-2022: Língua e literatura galegas, pp. 414-437, 2021.

Portanto, *Modesta proposição para renunciar a fazer girar a roda hidráulica de uma cíclica história universal da infâmia* é o primeiro texto em prosa de Lois Pereiro que tenho a oportunidade de traduzir. Lidar com a poesia ou com a prosa de um escritor como Pereiro, naturalmente, envolve dificuldades e possibilidades bastante diferentes.

Especificamente sobre este texto, a primeira coisa que salta aos olhos é o fato de se tratar de um texto de engajamento político: o fato de estar escrito originalmente em língua galega, por si só, já representa um posicionamento no plano político. O trabalho de tradução partiu dessa premissa e procurou evitar, sempre que possível, construções que pudessem remeter diretamente à língua castelhana ou transmitir a impressão de uma língua galega excessivamente influenciada pelas construções frasais castelhanas.

Ao mesmo tempo, a tradução explorou a proximidade entre a língua portuguesa e a língua galega, ressaltando as especificidades que elas partilham e que as diferenciam de outras línguas latinas, especialmente do castelhano. Seria interessante citar aqui o exemplo emblemático do infinitivo pessoal, considerado entre nós lusófonos como uma forma verbal que “só existe em português”, mas que também pode ser encontrada na sua língua-irmã, o galego, em que é conhecido como “infinitivo conjugado”. Esta tradução esteve atenta a detalhes simbólicos como esse, que revelam a proximidade entre o português e o galego, ao mesmo tempo que os diferenciam de outras línguas (sobretudo do castelhano).

É curioso identificar, de passagem, um aceno que o texto de Lois Pereiro faz à língua portuguesa representada pela poesia de Luís de Camões: a expressão “discurso dos meus anos”

é uma referência a um verso do soneto camoniano *Erros meus, má Fortuna, Amor ardente*. Aliás, a mesma referência aparece na poesia de Pereiro. A utilização de “discurso” em lugar de “decurso” ganha importância especial num texto como este: uma espécie de “discurso político” em que o termo “discurso” aparece algumas vezes com esse sentido. Porém, ao mesmo tempo, o texto é a descrição do “decurso dos anos” de Lois Pereiro, compondo um amálgama de suas influências literárias e políticas desde a adolescência. Ao incorporar o uso de “discurso”, a tradução procurou manter não apenas o diálogo com o texto camoniano, mas também essa duplicidade de sentido. Outra referência ao autor lusófono é a citação de um verso do cantor português Zeca Afonso.

Trata-se de um recurso bastante característico deste texto de Pereiro: o diálogo intertextual sutil, reapropriando-se de trechos de outros autores de forma quase imperceptível. Outro exemplo que se pode citar é o da referência (na terceira parte do texto, que fala sobre a Galícia) ao romance *O reino deste mundo* do escritor cubano Alejo Carpentier: neste caso, um aceno à América Latina, que não deixa de interessar ao público brasileiro. No mosaico cultural desenhado pelo texto, aliás, as culturas indígenas são mencionadas — não por acaso, ao lado de Shakespeare, o que parece demarcar no texto a intenção de não dialogar apenas com a cultura ocidental.

Como vemos, a despeito do estilo que pode ser considerado erudito, há uma clara tentativa de transcendê-lo, dado que se trata de um texto que reivindica a aproximação da luta popular. É possível identificar essa tentativa, por exemplo, na constante autoironia de um panfleto verborrágico que se reconhece enquanto tal, e que afirma sua própria condição de “elucubração” talvez como forma de procurar contornar o caráter estéril que tem o engajamento político que se limita à retórica presa ao redor de si mesma. É um texto que, pela linguagem, acena com a possibilidade de uma luta política visceral, mas que reconhece que ele próprio — o texto — não materializa (ainda) a chegada a esse estágio. Captar essa sutileza irônica e auto-irônica, sem dúvida, foi um desafio do trabalho de tradução.

O texto dialoga constantemente com a ideia de união entre arte e vida, característica da arte moderna. É complexo traduzir um estilo que busca tão visceralmente atrelar-se ao mundo extraliterário e que, ao mesmo tempo, persegue uma prosa poética cuja potência ecoe para além do plano literário. Ao terminar com um simbólico “amém”, o texto se transforma num desejo verbal de que tudo se concretize, sugerindo uma passagem do discurso poético-político a um falso misticismo, que talvez pretenda mascarar ou superar o ceticismo de que o texto está impregnado.

Modesta proposição para renunciar a fazer girar a roda hidráulica de uma cíclica história universal da infâmia transmite a impressão de ter sido escrito num fôlego só, e talvez por isso, há alguns trechos truncados, com eventuais solecismos, lacunas e elipses. Infelizmente, não foi possível consultar mais de uma fonte do texto, o que talvez permitisse sanar essas dificuldades e entender até que ponto esses são problemas da escrita ou meras questões de edição e composição do texto para publicação. Seja como for, a tradução evitou ao máximo “emendar” ou “corrigir” a prosa de Pereiro, mantendo em alguns casos construções cuja estranheza também é facilmente identificável no original em galego. Ao mesmo tempo, o trabalho de tradução procurou privilegiar a clareza e buscou ao máximo reproduzir em português a fluidez que existe no texto original.

Publicado inicialmente em: *Luzes de Galiza*, nº 27. Sada, 1996, pp. 14–18.

Uma sociedade que permite que um acontecimento odioso possa nascer de sua podridão e crescer em sua superfície é como quem permite que uma mosca vagueie sobre seu rosto ou que a baba lhe caia da boca sem reagir. Está epilético ou morto.

– Jean Baudrillard

De que lado estou, você me pergunta, cravando em mim a sua pupila azul...? Do mesmo que acreditei estar sempre, suponho, desde que a minha memória se perde na névoa em tons sépias, desde o mesmo momento em que comecei a ter poder de decisão sobre os meus sonhos, os meus próprios medos, dúvidas, e as minhas atitudes e razões para existir. Continuo a estar do lado da Beleza, dos que nos sentimos na obrigação de lutar, desde que o mundo é mundo, pelo que sempre nos pareceu moralmente justo e evidente, apesar de tantas dúvidas, decepções e diferentes perspectivas de atuação, levando nas costas tantas traições decepcionantes em vertiginosa e constante cadeia contínua de agressões de uma história de infâmia que já não nos permite ser ingênuos porque, se as vítimas de antes pretendem ser algozes por sua vez, de que lado que não seja sempre o das novas vítimas, dos novos vencidos de outras guerras, podemos estar então?

5

1

E situar-se teoricamente é muito simples: basta pôr um número de 1 a 10, da esquerda à direita, como nas pesquisas nas quais com orgulho e segurança eu sempre punha um 1 ou um 2, talvez para não exagerar, segundo o estado de ânimo ou o meu nível de fúria visceral e indignação; e nunca perdi depois de tantos anos essa necessidade de me sentir incomodado e radical.

Quando eu tinha dezesseis anos, Kropótkin me fez acreditar que podia ser possível a sua estratégia da “Conquista do pão” na sua paisagem de estepe animada por sombras solitárias de “mujiques” e trigais; à sua direita, a expressão bondosa e míope de Castelao ou Bóveda, Bakunin em outro assento da mesa, a CNT-FAI, Ricardo Mella; mais para lá Engels e Marx, Trótski e Lênin vigiando a porta; e depois Voltaire, Fourier e os “utópicos”, Lafargue, Ho-chi-Minh, “um, dois, três, cem mil Vietnãs!”... E a literatura, a Filosofia, a Primeira Internacional, e a Internacional Situacionista, libertária consciência de ser livre à procura de uma Utopia pessoal universal; a Poesia em guerra, o Simbolismo, Alfred Jarry e Ubu, os poetas

“herméticos” e os poetas sociais, e um discurso metafísico e civil. Todos filhos de um tempo maldito, de ópio, absinto, álcool e raiva contra o Tempo e a Moral burguesa, covarde, tedioso e letal... Leonard Cohen, Lou Reed, o Rock Alice em “Wonderland”, Arte “degenerada”, Expressionismo, comunismo surreal, o pessimismo terrorista literário e marginal, os Clássicos, de Ésquilo a Tchekhov, a Arte é Vida, formando toda uma vertigem experimental que me inundava a alma pouco a pouco, e Shakespeare, Shakespeare, Shakespeare; as culturas indígenas e os sonhos do aborígene australiano, a miscigenação oriental, africana dos xamãs. E tudo isso girando e criando uma Vertigem em direção a uma loucura suicida, o espírito abatido na frialdade úmida ocidental; o corpo recosido, quente e fendido pelo fatal desejo de saber mais, sem a calma precisa para deixar espaço à reflexão sem compromisso, necessária para sobreviver em paz... (que marco, que alucinada queda em direção ao Nada mais letal!...).

Mas tantas ideias sobre a vida, a alma humana e o mundo real continuam a ser mais ou menos as mesmas, mais cheias da melancolia e da profunda tristeza provocada por saber mais do que o necessário para ficar satisfeito com o que está à nossa disposição.

6

E outra vez ao princípio, depois de ressuscitar, porém amável e sereno com o olhar mais direto e mais limpo de sombras. A ironia afiada que não fere, mais discreta e compassiva com os demais...

(Poderia indicar outra lista semelhante, porém distinta: há mais livros aí nas minhas costas, outras palavras nos peitos da memória e mais ideias supérfluas na garganta: muito mais de tudo isso do que contatos carnavais ou encontros sexuais. Essa é uma das poucas coisas que eu poderia lamentar...).

Vivemos tempos ruins para a reflexão e a resistência neste império “zombie” de Microsoft mental e de autoestradas da informação quando já há tão poucas pessoas com neurônios dispostas a servir-se de tanta informação, e muito menos a utilizá-las contra esse mesmo poder que as invade com as piores intenções.

Mas a partir da perspectiva daqueles que ao longo da História não se resignaram a que esses mesmos desejos possam ser úteis algum dia, quais tempos foram bons, ou menos opressivos e sombrios?

Se analisássemos a nossa memória histórica, ou estudássemos a anatomia do nosso próprio fracasso pessoal, observando com detalhe a matéria escura da capacidade de qualquer ser humano de criar horror e tornar ilimitado o nível do mal, quais tempos seriam menos sombrios e fatais para os vencidos, para as vítimas, os oprimidos, os fracos, os pobres, os escravos, os negros deste mundo sempre utilizados como bucha de canhão, para os que não

quiseram ou não conseguiram jamais vencer outros mais fracos, convertendo-se por sua vez nos seus algozes, agressores, aterrorizantes senhores de alguém mais indefeso, como as mulheres, vítimas sempre?...

Essa continuará sendo a ordem das coisas para quem não tentar, com todas as armas de que dispõe, rebelar-se contra fazer girar a roda hidráulica com a qual se move a eterna história criminoso do poder: ou acima ou abaixo, ou senhor ou escravo, essa é a consequência dessa situação.

E de que lado estava eu, dizíamos antes? Do lado dos que tentam de algum jeito não contribuir para que essa roda opressora e maldita continue a girar eternamente, perpetuando, com uma cíclica mudança de papéis de senhores ou escravos, a mesma situação até que a Terra estoure de nojo e perversão, farta de nós.

Mas carregar bandeiras, berrar slogans, ou falar por falar não custa nada. Pedir Liberdade e Justiça para todos em abstrato não custa dinheiro, não compromete com nada concretamente. Nem tampouco causa verdadeiro dano, não provoca fendas nas estruturas do Sistema. Não é esse o ácido que corrói, nem a dinamite que pode derrubar o estado de coisas que queremos combater. Essa íntima generosidade de espírito em si mesma não contribui em nada para piorar o mundo, é certo, mas tampouco ajuda com a sua inocência “não culpada” a melhorar praticamente nada, a não ser a nossa estima como pessoas.

E quanto piores forem os tempos que vivamos, mais falsa será essa ingenuidade, menos inocente a indiferença, e mais cúmplice não se comprometer, o que sempre se converte em um cinismo e tático sentimentalismo que ao final se perverte em um cômodo e cego refúgio filosófico supostamente radical, mas temeroso e sempre subvencionado pelos velhos ou novos senhores.

Quem desejar realmente fazer algo, na medida de suas forças, talento ou influência, que ponha já as mãos à obra e ajude a exercer a sabotagem. Ainda que não se possa aspirar mais do que a transformar o seu espírito, a melhorar tão somente a sua alma e a sua vida em cada um dos seus atos, só com isso elevará o nível da sua própria e adormecida consciência e a sua capacidade de indignar-se e sentir nojo.

Melhores ou piores, dá no mesmo:
a bota que nos pisa é sempre uma bota.
Vocês já entenderam o que quero dizer:
não mudar de senhores, mas sim não ter nenhum.
– Bertolt Brecht

Tempos ambíguos e de início de novas repressões, de regresso das velhas e eternas intolerâncias que fizeram uma profunda limpeza da sua imagem estética e já não precisam dos servos submissos que antes elas puseram cuidando do seu patrimônio durante estes últimos anos: traidores traídos pelos seus senhores.

Racismo, como sempre; xenofobia, produto do novo elenco que quer comandar; a outra cota da fome, repressão e genocídio que o Sistema pode agora se permitir vai ser modificada e restrita. E a sombra que domina é sempre a do velho Poder com distintos disfarces e estratégias ideológicas, sociais; cúmplices e uniformes diferenciam em cada época o sistema policial de que ele precisa lançar mão.

E se não nos dermos conta de que não podemos transigir uma vez mais, se não tornarmos mais firme a nossa intransigência moral com as suas manobras, e até mesmo com nós mesmos, eles também não vão nos permitir uma só debilidade, um só erro.

Será que não teremos que saltar já o muro do nosso próprio conceito assimilado do que é a Revolução e as suas essências que sobrevivem há mais de dois séculos, para não dizer desde a Cultura Romana ou Grega? O futuro já não pode ter limites no espírito, nem pode haver moral, passado, nem essências imutáveis: todos somos iguais. Porém, um dia é diferente do seguinte. Todo homem é diferente, mas não há nada que justifique ninguém, a não ser os seus atos cotidianos. Temos que ser compassivos, ter piedade, mas não sentimentalismo que sustente as normas morais com as quais nos oprimiram. É preciso ir forjando as chaves com as quais faremos frente a este desastre.

Porque, se já não temos dogmas nem bandeiras, se não temos impedimentos para sermos os ateus das velhas atitudes e dos onipotentes deuses do Poder, teremos que estar sempre alertas e bem despertados, atentos para criar oposição, rebeldia e insubmissão a cada momento e diante de cada um dos seus ataques. Não podem nos pegar desprevenidos, nem nos injetar filosofias “light”, bem admissíveis e absorvíveis com as quais continuaremos apascentando as nossas consciências generosas e sentimentais.

Para os seus futuros disfarces: dinamite. Contra os seus enganos publicitários envoltos com gosto e bem desenhados: ironia. Não iremos cair, uma vez mais, no seu pragmatismo retórico de grandes armazéns e na sua repetida mentira do “mal menor”, no “centro Progressista” filho da estratégia, na “má divisão” de bens, porque, como diz a velha máxima: “O melhor é inimigo do Bom”.

A imagem do Poder já não vai nos servir sequer como representação virtual, e os políticos já não se acomodam sequer à sua função nojenta que nos evita a todos os demais a desagradável proximidade corrupta e contagiosa do poder que utilizam contra nós. A sua sorridente euforia, confiada nas bondades do Estado protetor e repressor de sonhos, envelheceu muito mal, por certo. A septicemia os invade. Atores fracassados, charcuteiros flatulentos, medíocres advogados, charlatões de taberna sevilhana, ou entusiastas bem ou mal-intencionados cheios de insônia e da ebriedade do Poder... O que mais eles têm? E para que os queremos realmente? Como dizia o coelho à Alice: “o que importa é saber quem manda”.

Vivemos tempos “interessantes”, sim, como dizem os chineses como uma irônica maldição. Se alguém já não o sabia, é que estava cego: não queremos ter senhores. Pode ser que já nos encontremos a poucos metros da nossa extinção, mas o senso de humor persistirá sempre, e o sentido crítico deixa um rastro detrás, com mãos, sem elas, com os miolos no crânio ou espalhados pelo chão. Voltaremos à terra, e aos outros elementos primordiais. Como dizia Zeca Afonso: “camaradas de armas dos quatro elementos!...”.

3

Que outros falem de sua vergonha.

Eu falo da minha.

– Bertolt Brecht

E aqui, entre nós, “os bons e generosos” com os demais, continuamos a sofrer os nossos “tempinhos” como sempre, nevoentos, queixosos e imutáveis, sem rebeldia ativa, suspeitando da nossa própria sombra e das intenções dos demais, odiados por sermos desta terra, desertando da mínima alteração de uma desordem eterna e quase celular.

Aqui nunca chegamos a algozes de nada, seja mau ou bom; mas da nossa própria autoestima, dignidade, sim. Não chegamos a vencer nada (nem sequer o tentamos), e não por generosidade ou por grandeza moral, mas sim por não tentar sequer desejá-lo. Ao menos não oprimimos tampouco a ninguém, evitando de passagem começar a formar parte dos crimes da

História como melros do clube dos criminosos. É um consolo. Somos como somos, e temos que dar graças por continuar sendo assim, porque isso ajuda a superar em algo essa vergonha histórica de termos sido servos da Vida, ou mercenários à força de outros senhores... (“Eles que se matem!”).

E talvez esse nosso teimoso sorriso interno, o olhar de esguelho sórdido e sarcástico no nosso interior de galegos depreciados, termine por ser ao final profundamente fractal, criador e subversivo, e só nós sobrevivamos ao holocausto final para começar de novo a partir do fim da Terra: se esta terra chegou a ser tão velha, deve ser por alguma razão.

Mas no momento o nosso reino não será deste mundo se continuarmos assim. E, secretamente, no fundo, eu rio quando estou só, porque essa posição que ocupamos tão afastada da margem do Poder, não deixo de senti-la com alívio. E esta Terra, esta visão do mundo, do tempo, este “tempo” musical atmosférico. Somos ruins e submissos, porém sábios céticos e resistentes. Um povo que considerei sempre a primeira e essencial referência geográfica e mental. Tudo isso de que formei sempre parte, das suas virtudes e defeitos, também não vai me exigir nunca me sentir alheio aos seus possíveis crimes e perversões, nem seguro candidato a traidor das suas fastuosas pompas de vitória, às suas Bandeiras cheias de sangue e de exploração.

10

Se me permite continuar ajudando na defesa que não procura dominar nem agredir, continuará a ser uma luta da qual farei parte: da tropa dos vencidos. Terra. Língua, Cultura, Direito à diferença. Mente aberta ao mundo... e nada mais.

Agora tenho liberdade de opção para exilar meu espírito no Ártico, na Ásia ou no Nepal, e tenho permissão para que nada humano me seja estranho. Por isso posso decidir militar na minha própria língua, “porque quero, me agrada e me dá na telha...”. Muitas culturas se cruzam no meu espírito, e no meu coração não há fronteiras. Ninguém me impediu nunca de ser mais crítico e sarcástico com o que eu sinto mais meu, próprio e herdado.

E quando estamos vendo que os antigos eslavos balcânicos, “escravos” instalados para defender das tribos orientais o Sacro Império, que esses “servos” do sul agora querem ser senhores dos demais “escravos” dos Balcãs, não vamos renunciar precisamente agora, por mais que queiram nos confundir, ao nosso direito secular de ser cidadãos livres de outra “bósnia” europeia ocidental, aberta e multiétnica, sem deixar-nos subjugar por novas ou velhas imposições econômicas, sociais ou culturais — porque militarmente já sabemos que estamos derrotados.

Defendamos, então, caladamente, com fúria ou com humor tibetano, mas não transijamos com nenhuma outra agressão, porque os ataques estão sendo mais sutis, mais cheios de argumentos, de falsa erudição, em nome do Progresso ou de uma incerta Irmandade Universal que só avança em direção à uniformidade tecnológica. Está em jogo a nossa sobrevivência, e não só como Povo, mas também como seres humanos: os mesmos que desde as suas origens como espécie foram criando milhares de línguas e culturas que sobrevivem ou não, criadas pela pura necessidade de autossuperação e transcendência do Espírito humano.

4

Já sei que só agrada quem é feliz.

A sua voz se escuta com gosto.

É formoso o seu rosto.

A árvore disforme do pátio denuncia a terra ruim,
mas a gente que passa lhe chama disforme com razão.

– Bertolt Brecht

11

Mas também são tempos de solidariedade, ainda que sejam gestos pouco radicais daqueles que não viveram tempos malditos cheios de sangue e ferozmente viscerais, e não podem evitar se deixar contagiar por certo ar formal de design publicitário, comercial, asséptico e efêmero.

Mas é satisfatório ver que há cada vez mais pessoas bem-nascidas que simpatizam e tentam ajudar: EZLN, o drama dos Balcãs, a perversão colonial e assassina de Ruanda, o romantismo oceânico do Greenpeace, a Natureza, a Fome genocida criada pelo sistema Financeiro Mundial, o direito de Cuba de ser um sonho vivo, ou por qualquer ONG, por toda injustiça, pela anistia das vítimas do Clube de Algozes Internacional... Assim poderia também começar de novo o Sonho da velha utopia da Acracia universal antigovernamental em cada um de nós.

E por mais que às vezes deixemos faltar alguma alternativa mais, que aponte para o horizonte das estrelas, que ataque os alicerces do sistema no seu ponto central com uma guerra total, definitiva, em breve chegará o momento em que será possível exigir já a Utopia. Mas para não perder totalmente a fé na nossa capacidade de resposta, temos que apoiar com generosidade qualquer avanço, e qualquer ideia crítica.

Talvez assim não se consiga mudar o Mundo, mas algo terá que melhorar, e alguém mais se animará a refletir, contanto que nos ajudemos ingenuamente a perpetuar simplesmente as coisas agindo como bombeiros, como para-choques do Poder, limitando-nos a exercer a função de administradores de qualquer injustiça estrutural. Não ser jamais válvulas que regulem o vapor da justa indignação dos explorados. Ou tudo ou nada, ou todos ou nenhum, tem que ser o objetivo final.

Nesta altura, já começamos a ficar fartos de tanta discussão inteligente e bizantina sobre a mais pura radicalidade, de tanta elucubração de tertúlia intelectual, cínica e amoral, que só disfarça certa incapacidade de agir. E toda essa ironia bem alimentada, cheia de cafeína e estimulantes, é boa para rirmos de nós mesmos, e para parodiar as pervertidas formas do poder, mas não vai conseguir ela só, ainda que realmente desejasse mudar algo, transformar as ideias ou as mentalidades.

A crítica e a Dúvida são as pernas mais firmes para avançar sobre elas, mas se as grandes palavras: Revolução, Liberdade, Cultura, já nos parecem um pouco grandes, ou sabemos que não poderemos alcançá-las, isso não significa que tenhamos que renunciar a pensar que as coisas devem ser transformadas, nem a tentar repetidas vezes, e muito menos a negar que outros com mais fé e entusiasmo ousem tentá-lo.

Sempre haverá novas vias para resistir, para opor-nos e não sermos submissos, como a estratégia humilde e provocadora de Bartleby, o apagado e lúcido escrivão de Melville, que para não se submeter a ordens arbitrárias, dizia simplesmente, sem ira, mas teimosamente: “Preferiria não fazer”.

E a Liberdade não se pede: se toma — assegurava um dos mais claros e evidentes lemas das minhas origens anarquistas, às quais vou me precipitando cada vez em maior velocidade. Mas não se pode esquecer nunca que essa atitude custa sangue, suor, lágrimas, e grandes doses de infelicidade e decepção, e é preciso estar disposto a suportá-las.

5

Estou sentado à beira da estrada,
o condutor troca a roda.

Não gosto do lugar de onde venho.

Não gosto do lugar aonde vou.

Por que observo a troca da roda com impaciência?

– Bertolt Brecht

Também poderia formar outro discurso, tão sincero como este, ou talvez mais. Mas estou tentando equilibrar, com o voluntarismo do meu otimismo, o pessimismo a que a razão me leva.

Sequer poderíamos aspirar a essa revolução do pensamento e da criação da humanidade, traída por todos desde sempre.

A reflexão, as ideias, a criação ou as palavras. A Arte e a Cultura é sempre o que me salva da Tentação da morte, e me anima a reiniciar, a reatar-me ao conhecimento e à transformação da minha alma extraviada.

Eu conheço muito bem a geografia mental do cinismo imperante, porque o levo assentado em cada célula, alimentada com o mais triste e errado discurso dos meus anos, e poderia acudir a ele se fosse necessário.

Mas não é o momento, nem o dia, nem a hora. Já foi demasiadas vezes parodiado, utilizado por falsos profetas que ainda se servem dele para continuar calando, ocultando a covardia própria e a podridão dos seus amigos, para não agir e tornar cúmplices a todos nós de tudo aquilo que eles permitiram ou perpetraram. Chegaram assim ao mais alto, aos mais altos cumes da miséria mental, à acomodada posição do sindicato dos premiados enriquecidos na medida de sua submissão subvencionada.

Não sinto que perdi, mas também não estou satisfeito com o que ganhei. O que não nos mata, nos faz mais fortes sempre, e mais firmes aos nossos princípios. E já não acredito ter nada tão importante a perder, e nunca deixei que o meu sangue e os meus erros salpicassem naqueles com quem eu mais me importava.

A verdadeira poesia nunca mente, por mais ofensiva que seja. Quem cria algo sem intenções perversas é inocente da sua possível perversão. Bernhard, Becket, Cioran, Genet, Celan, Valente, Schopenhauer, Pound, Carver, Poe etc., tinham razão, temos razão. E tinham razão Yeats, Dylan Thomas, Eliot, Joyce, Homero, Dante... temos razão também ao mesmo tempo, como todos os atormentados ou felizes pintores da Beleza e das trevas que convivem comigo no meu cérebro, discutindo sem pausa dentro da minha alma... E a verdade é que “na minha vida nunca vi mais do que loucos e enfermos” (Bernhard)?; que “Morrer é bem fácil. Viver é o difícil” (Maiakóvski) e também que “Vivir es fácil. Arduo es sobrevivir a lo vivido”. (Valente)...

E, assim mesmo é tudo, sabíamos que também o ódio
contra a baixeza desfigura a cara.
Também a ira contra a injustiça
põe rouca a voz. Por desgraça, nós,
que queríamos preparar o caminho para a amabilidade,
não pudemos ser amáveis.
– Bertolt Brecht

Mas é melhor sempre tentar ser amável. Melhor rir de si mesmo e dos demais sem fúria destrutiva, ainda estando seguros das mais obscuras e brutais certezas sobre o fundo das coisas.

O objetivo há de ser sempre um Universo que se expande.

A dor, a escuridão, o mal também, existem por nós e contra nós, mas ajudam a beleza e o prazer a serem ainda mais brilhantes. Por isso não devemos evitar, para poupar-nos sofrimento, a parte mais obscura de cada coisa, porque ela produz a lucidez e o horror de seu conhecimento.

14

Não é possível renunciar a essa guerra interna que vai disputar sempre o território com a nossa sobrevivência moral. E se nos resignarmos a não saber o que existe, seremos enganados com mais facilidade a cada vez. A verdade sempre é revolucionária, dizia Lênin, sem estar muito certo do que significava. Aprender é uma vitória. Duvidar é uma luta contínua, e a crítica nunca deve ser desterrada.

Porque, se não há dogmas nem bandeiras que nos guiem, estamos obrigados a escolher as coisas e as ideias mais dignas do nosso nível de ética e de generosidade, sem o ingênuo otimismo corrigido, e sem um pessimismo opaco e bem alimentado que nos detenha e nos permita uma indiferente neutralidade falsa. Não vamos mais ser cúmplices do que nos indigna ou nos envergonha. Nada é imutável. Tudo se transforma. Quem tiver tempo, energia, e desejar fazer algo, que vá propondo algo... (Por exemplo).

Amém.

LOIS PEREIRO